



# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



## ESCOLA INTEGRADA: UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PERSPECTIVA DE INOVAÇÃO?

Área: Educação

Áurea Regina Guimarães Tomasi

Programa de Pós-Graduação em Gestão Social Educação e Desenvolvimento Local Centro  
Universitário UNA e

Faculdade de Educação- Universidade do Estado de Minas Gerais

### Resumo

Este texto trata de uma reflexão sobre aspectos de inovação presentes nas práticas desenvolvidas por estudantes de cursos de Pedagogia que atuam como bolsistas em um programa de extensão universitária junto ao Programa Escola Integrada (PEI), da Prefeitura de Belo Horizonte. Embora o PEI tenha como proposta a educação em uma perspectiva inovadora, existe uma tensão entre seus pressupostos e sua implementação, tendo em vista que a cultura escolar muitas vezes gera resistência a mudanças e, entre outros exemplos, em geral, visa ao produto em detrimento do processo educacional. Entendendo que inovação não é simplesmente algo novo ou inédito, mas uma ação intencional que visa à melhoria e à transformação de uma realidade, podendo, inclusive, ser algo já existente, mas modificado, este artigo tem como objetivo propor uma reflexão a partir da análise de práticas desenvolvidas em oficinas de leitura no PEI, à luz dos pressupostos da inovação social. A metodologia adotada é essencialmente qualitativa e se apoia em dados levantados durante a orientação e nos relatórios dos bolsistas de um curso de Pedagogia, durante dois anos em um programa de extensão universitária, além de pesquisa junto a outros estudantes do mesmo programa. A partir desses dados, levantaram-se alguns conflitos entre aspectos da inovação educacional e práticas tradicionais, o que provoca uma reflexão sobre as possibilidades de a extensão universitária gerar mudanças

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

efetivas na escola e na formação integral dos alunos.

Palavras-chave: Inovação. Extensão Universitária. Escola Integrada.

## INTRODUÇÃO

A extensão universitária é uma proposta que está presente nos mais diversos cursos e áreas do conhecimento, visando à formação profissional na relação com a comunidade na qual a instituição de ensino superior se insere, provocando ao mesmo tempo ganho para ambas as partes, ou seja, para os estudantes e a sociedade. Para alguns cursos, em especial, a oportunidade de um contato com a realidade durante o percurso de formação universitária adquire mais importância, como na extensão universitária de alunos do curso de Pedagogia, para os quais a experiência durante o período de graduação se torna imprescindível. Para isso, existe uma carga horária na matriz curricular que institui o estágio obrigatório no qual os estudantes primeiro observam e mais à frente, nos últimos períodos do curso, quando já possuem bagagem e mais segurança, assumem a regência em uma sala de aula com a supervisão de professores, por curto período.

Mas ao lado dessa experiência desse estágio obrigatório, muitos estudantes procuram atuar como estagiários ou auxiliares contratados pelas escolas, principalmente de educação infantil, e também trabalhar como bolsistas como na extensão universitária junto ao Programa Escola Integrada (PEI) da Prefeitura de Belo Horizonte. Nessa extensão, os estudantes são orientados e supervisionados por um professor na Universidade no que se refere ao conteúdo da oficina ministrada, assim como sobre as relações com a escola e os alunos das escolas municipais onde se desenvolve o PEI.

Para Nóvoa (2009), a formação docente se dá por meio de mais aproximação da prática da profissão docente, do contato com o cotidiano profissional, com a cultura escolar vivida pela professor e isso se dá com a inserção em situações concretas. Daí a importância de uma reflexão que tenha a prática como elemento tão valorizado quanto a fundamentação teórica e metodológica. É essa possibilidade que se vislumbra na prática de extensão do PEI para os estudantes de Pedagogia.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

## 07 a 09 de setembro de 2016



Entretanto, há também o outro lado da moeda na prática de extensão que é de a comunidade também se beneficiar não como um sujeito passivo no sentido assistencialista, de beneficiado ou assistido, mas parceiro, de participante. No caso em questão, o PEI é uma proposta da Prefeitura de Belo Horizonte na qual cada escola participa e define sua demanda em relação às oficinas que serão desenvolvidas, relacionando e interferindo sobre elas por meio de uma professora que coordena o programa.

A partir desses dois polos, ou seja, da formação docente de estudantes de Pedagogia e dos possíveis benefícios e transformações na comunidade, aqui no caso específico nas escolas da rede municipal, é que se propõe uma reflexão sobre os pressupostos da inovação como fundamento teórico para essa prática de extensão.

Considera-se aqui a inovação como uma ação intencional que provoque mudanças e melhorias efetivas e duradouras (CARBONELL, 2002). E em se tratando de extensão universitária, essa inovação deve se dar em mão dupla, ao mesmo tempo na formação dos estudantes de Pedagogia e nas escolas nas quais eles atuam como explicita a Política de Extensão Universitária (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2012, p. 15):

Assim definida, a Extensão Universitária denota uma postura da Universidade na sociedade em que se insere. Seu escopo é o de um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político, por meio do qual se promove uma interação que transforma não apenas a Universidade, mas também os setores 16 sociais com os quais ela interage. Extensão Universitária denota também prática acadêmica, a ser desenvolvida, como manda a Constituição de 1988, de forma indissociável com o ensino e a pesquisa, com vistas à promoção e garantia dos valores democráticos, da equidade e do desenvolvimento da sociedade em suas dimensões humana, ética, econômica, cultural, social.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Por fim, considera-se também que:

[...] dentre os caminhos que a Universidade tem para desenvolver e oferecer uma formação mais completa aos seus estudantes, através da proposição de interlocução entre os saberes e a formação crítica de novos profissionais, os programas de extensão universitária mostram-se bastante promissores, quando se desenvolvem como atos políticos, isto é, como ações que podem transformar determinada situação social (ARROYO; DA ROCHA, 2010).

Para a elaboração desta reflexão, baseou-se em dados relatados durante as orientações e em relatórios elaborados pelos estudantes bolsistas do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais, além de uma pesquisa realizada junto a vários outros estudantes desse mesmo curso sobre a importância dessa experiência em sua formação docente (ANDRADE; THOMAZI, 2014).

## PRESSUPOSTOS DA INOVAÇÃO

Para provocar uma reflexão sobre se a experiência de extensão universitária do Programa Escola Integrada pode ser identificada como uma experiência de inovação, vale destacar primeiramente que inovação é um termo que tem sido usado cada vez mais nas áreas econômica, científica, tecnológica, educacional e social. Trata-se de um conceito que tem servido às mais diversas aplicações e situações e que deve, portanto, ser explicitado, pois pode ter diferentes pressupostos conforme seus propositores.

Diferentes autores têm buscado conceituar inovação e alguns utilizando inovação em termos gerais, outras especificando a inovação tecnológica, enquanto outros focam a inovação social entre outras adjetivações.

Aqui se toma como referência, primeiramente, a noção defendida por Carbonell (2002) de que a inovação pressupõe a introdução de um produto ou processo que provoque uma mudança de qualidade. Esse autor trata principalmente da inovação no âmbito da educação e identifica alguns pressupostos presentes em experiências inovadoras tais como: articulação dos saberes; práticas democráticas atrativas; rompimento com a cisão entre

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

## 07 a 09 de setembro de 2016



concepção e execução; intercâmbio e cooperação; o estímulo a inquietações; o acesso ao conhecimento do novo; e também compreensão do que é vivido.

Mais que isso, ao se questionar se uma prática caracteriza-se como uma experiência inovadora, deve-se considerar ainda se ela contribui para o desenvolvimento local e algum tipo de alteração nas condições de vida de um grupo, considerando-se que mudança, por si só, não é sinônimo de melhoria (CARBONELL, 2002, p. 19).

Para Messina (2001, p. 226), inovação tem sido referência na educação e define pelo menos dois componentes que lhes são próprios: “a) a alteração de sentido a respeito da prática corrente; b) o caráter intencional, sistemático e planejado em oposição às mudanças espontâneas”.

Morin (2010) é outro autor que identifica elementos fundamentais ao se pensar em inovação. Sua teoria defende a compreensão, ao mesmo tempo, das partes e do todo, em sua complexidade, sem perder de vista a contextualização. Em se tratando da análise de experiências de extensão universitária, a análise desse autor contribui ao indicar a importância de se dar sentido ao saber, associar as dimensões biológicas e culturais, selecionar a informação e tornar o conhecimento pertinente. Ele mostra ainda a necessidade de provocar a dúvida e a problematização.

Considerando a proximidade de inovação com tecnologia, Bignetti (2011) trata exatamente de esclarecer as relações entre inovação social e inovação tecnológica, mostrando que há compatibilidade, destacando-se as interseções e diferenças entre os dois conceitos, mas corroborando os pressupostos defendidos por Carbonell, definindo a inovação social como “o resultado do conhecimento aplicado a necessidades sociais a partir da participação e da cooperação de todos os atores envolvidos, gerando soluções novas e duradouras para grupos sociais, comunidades ou para a sociedade em geral” (BIGNETTI, 2011, p. 4).

Outra discussão recorrente em relação a esse conceito diz respeito à inovação como processo e/ou como produto, como nos trabalhos de Boullosa e Schommer (2009) e de Hulgard e Vieira Ferrarini (2010). Discute-se sobre os sujeitos envolvidos, a relação entre sociedade civil, estado e mercado, sobre os movimentos sociais, sobre os meios e fins de

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

## 07 a 09 de setembro de 2016



projetos econômicos e sociais, sobre participação e autonomia, mas sempre tendo em vista os limites e os alcances dos resultados e das transformações de forma mais efetiva.

A partir dessas considerações e de alguns outros estudos envolvendo experiências inovadoras e suas relações com o desenvolvimento local, levanta-se ainda que uma experiência inovadora deve: envolver o coletivo; garantir a solidariedade e a responsabilidade; considerar fatores econômicos, políticos, mas também culturais; considerar a realidade do território e envolver o entorno; respeitar a diversidade; possibilitar a igualdade de oportunidades; promover mudanças no cotidiano e não apenas nos acontecimentos eventuais; ir ao encontro das demandas; possibilitar a participação; mobilizar e otimizar recursos; favorecer o trabalho em equipe; mudar mentes e instituições; valorizar mais o processo do que o produto; lutar contra o individualismo; viabilizar o acesso à informação; possibilitar trocas; evitar o imediatismo; vencer a inércia; ter persistência e permitir o tempo necessário à mudança/inação; enfim, contemplar componentes progressistas e emancipatórios (CAMAROTTI, 2004; CARVALHO *et al.*, 2012; CÔTÉ e SIMARD, 2011; OSSANI, 2013).

Esses autores levantam, portanto, aspectos que envolvem uma prática de inovação social e que servem de parâmetro para que se reflita sobre a experiência de extensão universitária do PEI, nessa perspectiva.

### **O Programa Escola Integrada e o Projeto Viajando na Leitura**

O Programa Escola Integrada é uma proposta elaborada e desenvolvida pela Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Belo Horizonte, criada em fevereiro de 2007. Foi gradativamente implantado em várias escolas da rede pública municipal para atender crianças e adolescentes do Ensino Fundamental, de seis a 14 anos.

Os alunos participam das atividades do PEI em um turno além daquele em que assistem às aulas, permanecendo cerca de nove horas diárias na escola. E ali participam de oficinas e atividades que são oferecidas pelas Instituições de Ensino Superior (IES) e demandas pela direção de cada escola sob a coordenação de um(a) professor(a) chamado(a) “professor(a) comunitário(a)”.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

## 07 a 09 de setembro de 2016



Como um dos pressupostos do PEI é a cidade educadora, as ações são desenvolvidas no próprio espaço da escola ou ainda em espaços “comunitários”.

O próprio ambiente social é uma escola e assim deve ser considerado pelos sujeitos que se enxergam como aprendizes permanentes. A comunidade que vive no entorno da escola também aprende e se envolve com esse processo e reconhece como espaço formativo cada lugar disponível: uma praça, uma rua, um parque, uma sala, um clube, um muro, um caminho (BELO HORIZONTE, 2007, p. 10)

Os parceiros da prefeitura são fundações, organizações não governamentais (ONGs) e principalmente instituições de ensino superior, tendo “alunos como monitores e professores como orientadores da sua atuação (BELO HORIZONTE, 2007, p. 11). Assim, os docentes das IES elaboram propostas de oficinas e as apresentam à Secretaria Municipal de Educação, que as oferece às escolas para fazerem suas escolhas. Conforme a demanda da escola, os estudantes universitários bolsistas são selecionados e capacitados pelo professor coordenador e iniciam atividade como monitores na escola municipal. Os universitários trabalham em um período de quatro dias na semana, tendo um quinto dia fora da escola municipal dedicado ao acompanhamento professor orientador, além de estudo e pesquisa para suporte da sua atividade.

Além dos monitores universitários, a Escola Integrada conta ainda com “agentes comunitários” que desenvolvem oficinas a partir dos saberes da própria comunidade, como, por exemplo, capoeira e muitas vezes trabalhos manuais, artesanato de maneira geral. Entretanto, a prática desses monitores comunitários não será tratada neste texto, por se tratar de extensão universitária, mas que poderia e mereceria ser objeto de estudo.

As oficinas variam conforme a demanda de cada escola, tais como língua estrangeira, informática, esportes, saúde, sexualidade, jogos matemáticos, reforço escolar, leitura/literatura, artes plásticas, teatro, horta/farmácia, jornalismo, etc.

A oficina aqui analisada à luz de princípios da inovação social é uma oficina de leitura denominada “Viajando na leitura”, cujo objetivo é despertar e desenvolver o interesse e o gosto das crianças e pré-adolescentes pela leitura. Essa oficina não tem como objetivo ensinar os alunos a lerem, no sentido de uma alfabetização/ decodificação. Parte-se do pressuposto de que a leitura é um direito de todos, pelas possibilidades que

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

## 07 a 09 de setembro de 2016



ela oferece àqueles que a praticam e tendo em vista a necessidade de se contribuir com a formação de leitores.

A escolha desse nome para a oficina se deve ao fato de que se propõe a desenvolver atividades de leitura em sentido mais amplo, social e cultural e não simplesmente uma leitura voltada para o trabalho escolar, servindo apenas de pretexto para outras atividades da língua portuguesa ou ainda para as demais disciplinas (CHARTIER, 1993; LAJOLO, 1993). Seguindo os pressupostos do PEI, pretende-se alcançar um objetivo que muitas vezes a escola não consegue atingir pelo fato de “escolarizar” a leitura (SOARES, 1999), enquadrando-a nas metodologias e nos critérios de avaliação aos quais ela submete os diversos conteúdos.

Acredita-se que tanto os alunos das escolas municipais que participam do PEI como os estudantes de Pedagogia, ao desenvolverem essa oficina de extensão universitária, podem mudar sua relação com a leitura, tendo em vista que “o amor pela leitura se descobre ou se redescobre em diversos períodos da existência [...] (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 125). Assim, ao mesmo tempo essa oficina visa à formação dos próprios estudantes para a futura docência, pois se questiona sobre como poderão inovar em suas práticas como futuros pedagogos e professores se não vivenciarem essa prática, a qual muitas vezes não experimentaram no ensino fundamental e médio. Questiona-se, ainda:

Estamos formando um professor-sujeito, participante ativo da produção de significados sociais, aquele que pode compreender e reelaborar os processos e as razões das interlocuções? Os nossos alunos universitários e futuros professores têm tido a oportunidade de experimentar essas linguagens com a finalidade precípua de integrar-se ao mundo dos seus futuros alunos? [...] Essa é uma das finalidades da formação docente que devemos, nós, professores universitários formadores de professores, imprimir ao nosso horizonte (DAYRELL; BELMIRO, 2011, p. 186).

Embora o programa já esteja completando 10 anos em 2017, julga-se pertinente considerar que ainda não é suficiente para mudanças mais efetivas na cultura escolar, tendo em vista desde aspectos de implementação, passando por outros, de ordem

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:







# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

## 07 a 09 de setembro de 2016



burocrática, da escassez de recursos financeiros, físicos e materiais, além da qualificação de pessoal, o que reflete principalmente na resistência de alguns profissionais.

### **Práticas de leitura na escola: entre a inovação e a resistência**

Como exposto, a extensão universitária e a inovação têm em comum a proposta de atuar sobre a realidade social, modificando-a para melhor. E a educação se mostra, portanto, como uma estratégia para isso. A oficina *Viajando na leitura*, proposta para o PEI, vem sendo desenvolvida com esse mesmo objetivo, no período de 2007 a 2009, em um projeto de extensão de uma instituição de ensino superior privada, com interrupção e voltando a funcionar nos últimos dois anos em um projeto de extensão da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais.

Constatou-se, entretanto, durante as orientações e acompanhamento dos alunos bolsistas, pelos seus depoimentos e relatórios, que o tipo de resistência encontrado nas escolas, já observado no período de 2007-2009, permanece no período 2014-2015.

Alguns desafios ainda se impõem de maneira geral para todas as oficinas, apesar do tempo de implantação do PEI, tal como o espaço físico. Ainda que se proponha a cidade como espaço de educação, a maior parte das atividades ocorre no próprio estabelecimento escolar e aí entram em concorrência ou mesmo em choque com as demais atividades do currículo regular e tradicional. Além de existirem poucos espaços livres, como a sombra de uma árvore, ou pátios nas escolas, tende-se a desenvolver as atividades dentro das salas de aula, inclusive para evitar barulho ou algum tipo de distúrbio que altere a rotina escolar.

Em segundo lugar, a biblioteca nem sempre é adequada ou está disponível para os alunos do PEI, que muitas vezes são vistos como um corpo estranho pelas próprias professoras no contraturno. Cabe destacar, entretanto, que o acervo teve melhoria nos últimos anos, com ampliação do acervo e alguns *kits*, inclusive os de literatura afro-brasileira, recebidos pela escola, alguns, ainda, destinados aos alunos, embora nem sempre liberados para que levem para casa, como previsto.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

## 07 a 09 de setembro de 2016



Em relação à oficina de leitura aqui em questão, especificamente, destaca-se o fato de que as escolas muitas vezes desviam o foco dos bolsistas e solicitam como prioridade que atuem em atividades de acompanhamento pedagógico, para casa ou reforço escolar, mesmo que o estudante não tenha sido contratado para tal. Não se pretende julgar de pouca importância esse tipo de atividade, mas a realidade é que existe tendência da escola a usar quase todo o tempo em função dessas atividades e não sobre tempo para o desenvolvimento de um projeto de leitura voltado para a formação do leitor.

Outras vezes não é exatamente a ênfase no reforço, mas a própria concepção que se tem sobre a atividade de leitura implícita em algumas atitudes da direção e coordenação da escola. Muitas vezes os bolsistas são orientados a se voltarem para atividades escritas ou para a correção da ortografia dos alunos em detrimento da leitura como um fim em si mesma. Dito de outra forma, a escola usa o texto literário tendo como prioridade o trabalho escolar e não a formação do leitor.

Juntem-se a isso os inúmeros dias festivos ou projetos eventuais que desviam e ocupam o estudante bolsista para desenvolver desenhos ou trabalhos manuais com os alunos para o dia das mães, do índio, campanha contra dengue, cuidados com o corpo, mais uma vez colocando a leitura literária e de entretenimento em segundo plano. Em enquête realizada junto a professoras do ensino fundamental de escolas públicas e privadas, Thomazi (2005) verificou que na maior parte delas há falta de tempo para as práticas de leitura voltadas para a formação do leitor, priorizando aquelas mais imediatas e que demonstram resultado mais imediato e visível.

Chartier (2008, p. 114) também demonstra que se trata de um “[...] processo pelo qual a escola toma para si a literatura infantil e escolariza, didatiza e pedagogiza os livros de literatura para crianças para atender a seus próprios fins, ou seja, ‘faz dela uma literatura escolarizada’”.

No primeiro semestre de 2015 ocorreu ainda outro tipo de resistência em uma das escolas, quando uma das bolsistas propôs uma atividade em torno de leituras sobre o tema da diversidade (em relação à religião, etnia, entre outros aspectos da cultura). Embora os livros não tenham sido censurados, os cartazes elaborados por um grupo de alunos que mostrava a variedade de tipos de famílias foi impedido de ser exposto ao lado

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

## 07 a 09 de setembro de 2016



dos demais. Esse tipo de prática vai no sentido contrário ao da leitura como formação humana que visa à emancipação e à cidadania, como defende Kleiman (2012) ao discutir o conceito de letramento, destacando a proposta de uma leitura crítica da realidade, defendida por Paulo Freire.

Esses obstáculos, entre outros, para uma prática de leitura voltada para a formação do leitor vão de encontro também a alguns dos princípios de inovação, como abordado por Carbonell (2002). Para esse autor, a mudança da cultura escolar é muito lenta, sofre muitas resistências e paradoxos. Ao mesmo tempo em que a escola propõe inovação, e o PEI é um exemplo disso, ela não altera a estrutura curricular nem a relação entre as disciplinas fragmentadas nem o uso dos tempos e espaços.

A mudança gerada pelas diversas inovações, de maneira geral, é difícil e dolorosamente lenta. [...] o tempo da cultura escolar vai penetrando como um gotejar suave, mas persistente e não pode impor-se de um golpe da noite para o dia, seja por decreto, seja ação voluntária dos professores: tempo de iniciação para fixar objetivos, conceitualizar o sentido e alcance da inovação, envolver os professores e dispor de recursos e apoios; tempo para pôr em marcha tarefas e responsabilidades compartilhadas, de desenvolvimento profissional, individual e coletivo, de tentativas e erros, de divergências e convergências; e tempo de institucionalização das inovações, com um maior compromisso da direção e de todo o coletivo escolar [...] com espaços de reflexão que contribuam para fortalecê-las (CARBONELL, 2002, p. 25-26).

E toda essa resistência à inovação é experimentada tanto pelos alunos da escola municipal quanto pelos estudantes de Pedagogia bolsistas da extensão universitária, no PEI.

## CONCLUSÃO

Cabe, portanto, propor uma reflexão sobre: em que medida um programa de extensão universitária tem força para introduzir modificações na cultura escolar? Em que medida consegue implementar novas práticas, não simplesmente pelo fato de serem novas, mas de desenvolverem práticas que tenham sentido para os alunos e que não

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

sejam apenas mais um item obrigatório do currículo? As práticas de leitura no PEI podem efetivamente contribuir para a formação do leitor ou irão reforçar a leitura apenas como instrumento de trabalho escolar?

Entretanto, para os próprios estudantes essa atividade de extensão universitária parece atingir o objetivo de fazê-los refletir sobre sua própria prática de leitura e sua formação como leitor. Esse objetivo parece mais próximo de ser alcançado, pois ao perceberem a diferença entre os princípios da proposta que procuram implantar e os limites impostos pela escola, os estudantes bolsistas identificam com mais clareza os pressupostos de uma e outra. Além disso, são forçados a buscarem e criarem estratégias para conseguirem implementar as atividades planejadas, mesmo que não exatamente como previsto.

Os alunos sempre comentam que o que aprendem na sala de aula da universidade é bem distante da realidade das escolas, que tudo parece mais fácil ou possível do que de fato acontece concretamente. Assim, o efeito dessa ação talvez seja maior para os próprios estudantes do que para a escola; e os alunos da rede municipal, ou seja, nessa via de mão dupla da extensão universitária a sociedade, é menos impactada que a universidade.

Não obstante todas as críticas aqui levantadas em relação aos obstáculos citados pelos estudantes de Pedagogia envolvidos nesse programa, constata-se que essa extensão universitária constitui um caminho possível para introduzir a inovação no espaço escolar. Percebe-se o grande potencial que o PEI tem na formação desses futuros pedagogos e, ao mesmo tempo, que essa prática, ainda que lentamente, possibilita pequenas mudanças no cotidiano escolar, na perspectiva da inovação.

## Referências

ANDRADE, Carolina Pasqualini; THOMAZI, Áurea Regina Guimarães. A orientação de bolsistas estudantes de Pedagogia no Programa Escola Integrada da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte: uma experiência de formação docente? *Relatório de pesquisa*. Faculdade de Educação Universidade do Estado de Minas Gerais. PIBIC/UEMG/FAPEMIG, 2014.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

ARROYO Daniela Munerato Piccolo; DA ROCHA, Maria Sílvia Pinto de Moura Librandi. Meta-avaliação de uma extensão universitária: estudo de caso. *Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas, v. 15, n. 2, jul. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772010000200008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772010000200008). Acesso em: 04/04/2016.

BELO HORIZONTE. Prefeitura de Belo Horizonte. *Programa Escola Integrada*. Mimeografado. Belo Horizonte, fev.2007.

BIGNETTI, Luiz Paulo. As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. *Ciências Sociais Unisinos*, v. 47, n. 1, jan.-ab., 2011, p. 3-14. Disponível em: [http://www.unisinos.br/revistas/index.php/ciencias\\_sociais/article/view/1040/235](http://www.unisinos.br/revistas/index.php/ciencias_sociais/article/view/1040/235). Acesso em 24 mai. 2013.

BOULLOSA. Rosana de Freitas; SCHOMMER, Paula Chies. Gestão Social: caso de inovação em políticas públicas ou mais um caso de Lampedusa? III Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social, realizado em maio de 2009 em Juazeiro/BA e Petrolina/Pe.

CAMAROTTI, Ilka. Construção de indicadores de desenvolvimento local. In: IX CONGRESO INTERNACIONAL DEL CLAD SOBRE LA REFORMA DEL ESTADO Y DE LA ADMINISTRACIÓN PÚBLICA. *Anais...*, Madrid, España, 2-5, nov. 2004. Disponível em: [http://www.gp.usp.br/files/desen\\_indicadores.pdf](http://www.gp.usp.br/files/desen_indicadores.pdf). Acesso em: 01/05/2012.

CARBONNEL, Jaume. *A aventura de inovar*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CARVALHO, Adriane Maria Arantes de; CARDOSO, Ana Maria Pereira; TATEMOTO, Letícia Caroline Barche; PIO, Djenane Alves Costa. Inovação social em políticas públicas: a juventude em foco. *INF. INF.*, Londrina, v. 17, n.2, p. 1– 36, mai.-ago. 2012.

CHARTIER, Anne Marie. La lecture scolaire entre pédagogie et sociologie. In: POULAIN, Martine (dir). *Lire em France aujourd'hui*. Paris: Editions du Cercle de la Librairie, 1993 (Collection Bibliothèques).

CÔTÉ, Denyse; SIMARD, Étienne. Inovações sociais e governança no Québec: que lugar resta aos novos movimentos sociais? *Ciências Sociais Unisinos*, v. 47, n. 1, jan.-abr. 2011. p. 25-32.

CHARTIER, Anne Marie. Que leitores queremos formar com a literatura infanto juvenil? *Leituras literárias discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale/AutênciA, 2008.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

DAYRELL, Monica; BELMIRO Célia Abicalil. Formação de professores e os desafios contemporâneos dos livros de literatura. In: MARTINS, Aracy Alves *et al.* (orgs.). *Livros e Telas*. (pp. 175-187). Belo Horizonte: UFMG, 2011.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. *Política de Extensão Universitária*. Manaus, maio de 2012. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>. Acesso em: 28/03/2016.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal & SEGRÉ, Monique *Sociologia da Leitura*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial. 2010

HULGARD, Lars; VIEIRA FERRARINI, Adriane. Inovação social: rumo a uma mudança experimental na política pública? *Ciências Sociais Unisinos*, v. 46, n. 3, set.-dez. 2010. p. 256-263.

KLEIMAN, Ângela. (org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. (2. ed.), Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

MESSINA, Graciela. Mudança e inovação educacional: notas para reflexão. *Cadernos de Pesquisa*, n. 114, n. 2, nov. 2001. p. 225-233.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 17. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

NÓVOA, António. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. In: NÓVOA, António. *Professores: Imagens do futuro presente*. Lisboa: Educa, 2009.

OSSANI, Adriane. *A inovação social como processo e resultado da governança da colaboração interorganizacional: o caso do Canal Futura*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS, 2013, p. 16-25.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A.A.M.; BRANDÃO, H.M.B.; MACHADO, M.Z.V. *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.17-48.

THOMAZI, Áurea Regina Guimarães. *L'enseignant de l'école élémentaire et le curriculum de la lecture: enquête à Belo Horizonte (Brésil)*. Tese de Doutorado. Paris V, 2005.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:

